



SOCIEDADE

103 anos e firme na luta pelos direitos humanos

Margarida Genevois não é somente reconhecida como um dos nomes mais importantes dos movimentos em defesa da vida — continua sendo referência quando o assunto é a proteção à dignidade humana. Mas adverte: há riscos reais de retrocesso no país

» VANILSON OLIVEIRA

Quando a ditadura militar endureceu a repressão no Brasil, nos anos 1970, a carioca Margarida Genevois passou a atuar em uma das principais redes civis de apoio às vítimas do regime. Ontem, a socióloga, reconhecida como uma das figuras mais importantes da defesa dos direitos humanos no país, completou 103 anos. Para ela, apesar dos avanços com a criação do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (MDHC) e do Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (PNEDH), a tentativa de golpe de Estado, orquestrada pelo ex-presidente Jair Bolsonaro, é um dos maiores retrocessos da história recente do país.

Formada em Ciências Sociais pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (Fesp), Margarida ganhou projeção a partir de sua atuação na Comissão Justiça e Paz (CJP) de São Paulo, criada pelo então arcebispo dom Paulo Evaristo Arns nos anos mais duros do regime dos generais. No espaço, que se tornou um dos principais centros de acolhimento a vítimas da repressão, ela atuou diretamente no registro de denúncias de tortura, desaparecimentos e prisões políticas.

Lúcida, ela ainda se preocupa com as questões políticas e sociais do Brasil. “A defesa dos direitos humanos faz parte da minha vida desde quando fui convidada pelo arcebispo dom Paulo Evaristo Arns para integrar a Comissão Justiça e Paz, criada por ele em São Paulo, em plena ditadura militar. Na época, o mais importante era conseguir o apoio de advogados corajosos para acompanhar os casos de prisão e tortura, ‘desaparecimento’ e morte daqueles que contestavam o governo, com risco de vida. ‘Direitos humanos’ eram direito à vida, a começar pelo acesso à Justiça”, afirmou ao **Correio**.

Margarida citou a importância da busca pela igualdade de direitos para todos, ressaltando que a democracia e os direitos humanos devem ser prioridades, dando como exemplo a tentativa de golpe de Estado, em 2022, orquestrada por Bolsonaro, condenado a 27 anos e três meses de prisão. O ex-presidente foi considerado culpado pelos crimes de organização

criminosa armada, tentativa de abolição violenta do Estado Democrático de Direito, golpe de Estado, dano qualificado pela violência e grave ameaça e deterioração de patrimônio tombado.

“Houve um brutal retrocesso causado pela vitória eleitoral de Jair Bolsonaro, defensor da tortura, racista, misógino, inimigo radical dos direitos humanos. Outro retrocesso enorme são as escolas públicas cívico-militares, marcadas pelo autoritarismo”, critica.

Ao longo de sua trajetória, Margarida também participou de iniciativas voltadas à formação cidadã e à educação em direitos humanos. Uma das ações mais relevantes ocorreu no fim da década de 1980, quando começaram as primeiras discussões sobre a inclusão do tema nas escolas públicas.

“Em 1987, a CJP iniciou os primeiros encontros para incluir na escola pública a Educação em Direitos Humanos, entendida como formação em valores. O que significa a formação de uma cultura de respeito à dignidade de todo ser humano, o que se consegue por meio de um processo que engloba o reconhecimento, a promoção e a vivência dos valores da liberdade, da justiça, da igualdade de direitos, da solidariedade, da cooperação, da tolerância e da paz”, explicou.

Para a socióloga, a participação política e social da população é fundamental para a construção de sociedades mais justas. Ela disse, ainda, que os jovens precisam se envolver mais e entender o papel que têm na sociedade.

“Aproveitem a energia e a criatividade da juventude para conhecer melhor o país, a cidade, os problemas que existem e como participar das propostas de desenvolvimento em benefício de todos. Entendam que participar da política é mais do que votar — é participar, democraticamente, da construção e da defesa do bem comum. Vocês verão, tenho certeza, que essa participação cidadã faz parte do que chamamos felicidade”, destacou.

Guerra e meio ambiente

Ela também faz um apelo às lideranças globais diante dos desafios enfrentados pelo planeta, especialmente em relação às guerras

Arquivo pessoal



Margarida com padre Julio Lancelotti. Atuação intensa ao lado de dom Paulo Evaristo Arns durante a ditadura

e à crise ambiental. “Nosso planeta está sofrendo. Nossos povos estão sofrendo. A natureza grita. O que vocês estão fazendo? Até quando teremos guerras absurdas, dominação desenfreada dos ricos capitalistas, criação de bunkers em terras de gelo, ao invés de cuidar seriamente do meio ambiente? O que vamos deixar para nossos

netos? Direitos humanos incluem o direito à paz. Mas não existe paz sem justiça”, frisa.

Sobre o momento atual do país, Margarida afirma que é preciso manter a esperança e o compromisso com a transformação social. “Num país como o nosso, marcado por desigualdades devastadoras, não podemos

sucumbir ao pessimismo ou à melancolia dos conformistas — pelo contrário. Pensando na juventude e no futuro, quero afirmar, com o peso dos meus 103 anos, que, sem emoção, alegria, afetividade e senso de humor, não desenvolvemos a crítica criativa nem o ânimo vital para a transformação. Vamos em frente”, exorta.

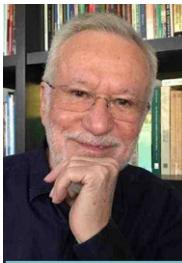


A defesa dos direitos humanos faz parte da minha vida desde quando fui convidada para a Comissão Justiça e Paz. O mais importante era o apoio de advogados para acompanhar casos de tortura e morte daqueles que contestavam o governo”

Margarida Genevois, socióloga e ativista dos direitos humanos

» Novo caso de estupro coletivo

Quatro pessoas teriam participado de um estupro coletivo contra duas meninas de 13 anos, em Valença, no interior do Estado do Rio de Janeiro, no domingo. Três adultos foram presos em flagrante por estupro e exploração sexual de vulnerável, enquanto um adolescente foi autuado pelos crimes de estupro de vulnerável e tráfico de drogas, informou a Polícia Civil. Os nomes dos suspeitos não foram divulgados. Os agentes colheram depoimentos e realizaram exames que comprovaram a brutalidade. Um quinto envolvido, já identificado, está foragido. O crime aconteceu poucos dias depois da prisão de quatro suspeitos de estuprar uma menina de 17 anos, em Copacabana, na Zona Sul da capital fluminense. O crime aconteceu em 31 de janeiro, quando a estudante foi convidada ao apartamento por um colega de escola, um menor de 17 anos, com quem já havia se relacionado.



ALEXANDRE GARCIA

“O PAI DE DANIEL BUENO VORCARO ERA CORRETOR DE IMÓVEIS. A IRMÃ É PASTORA DA IGREJA EVANGÉLICA LAGOINHA, ASSIM COMO O MARIDO DELA, FABIANO ZETTEL — O DOS BRAÇOS ASSUSTADORAMENTE TATUADOS, QUE TAMBÉM ESTÁ PRESO, COMO OPERADOR DE NEGOCIATAS”

Pobre menino rico

Um banqueiro tradicional, experiente, me diz que gente como Daniel Vorcara não é nem estagiário de banqueiro. É apenas um aventureiro bobo, tentando entrar no mercado financeiro. Agora que todos podemos ver como vivia Vorcara, o que se destaca no aventureiro é que, como pessoa, é um bobo. Agora numa cela exígua, que contrasta com a vida de luxo que inventou para si, um bobo infeliz. Vida de rico. De novo rico — e aqui fica mais forte a expressão original: nouveau riche. Raspadas no presídio a melena e a barba feitas

por *coiffeurs* bem pagos, restou a cara original, atrás da *maquillage* (que em francês significa disfarce), cara de adolescente perdido na vida e achando que o mundo se faz em um dia.

Pelos diálogos de pombinhos com ex-namorada Martha Graeff, revela-se o namorado adolescente. Pela festa de noivado na bela Taormina, entre o príncipe e a princesa, desvela-se a breguice, o exagero de novo rico — expõe o mau gosto original. Os R\$ 200 milhões jogados na fumaça do vizinho Etna revelam o dinheiro fácil,

tirado de fundos de previdência de funcionários públicos, graças à compra de dirigentes venais. Os artistas contratados cobraram milhões de dólares e euros — portanto, famosos e caros. O único que conheço, Andrea Bocelli, cobrou US\$ 981 mil. *Poverino, bambino Vorcara...*

Seu avô, pastor protestante, veio da Itália. O pai de Daniel Bueno Vorcara era corretor de imóveis. A irmã é pastora da Igreja Evangélica Lagoinha, assim como o marido dela, Fabiano Zettel — o dos braços assustadoramente tatuados, que também está preso, como operador de negociatas. Vorcara disse a Martha que seu primeiro emprego fora aos 15 anos, como

guia na Disney. Aos 19 anos, já estava em negócios: primeiro livros; depois, imóveis. Com 24 anos, formou-se em mercado de capitais. Em 2018, adquiriu a opção de compra do Banco Máxima, quando seu dono foi inabilitado pelo Banco Central. O Máxima virou Master e, a partir de então, descobriu que podia ser o master de venais. Com a cumplicidade do cunhado pastor, passou a tanger um rebanho pago a seu serviço. Todos cúmplices das espertezas que exploraram ambições e fraquezas de mal-formados.

O pobre menino se tornou dono de consciências e de bilhões. Fez festas em Trancoso, Brasília, na Europa, Estados Uni-

dos, mundo árabe. Pagou degustação de uísque em Londres. Em Nova York, posou de filantropo: Flávia (ex-Arruda, ex-ministra de Bolsonaro), mulher de seu sócio Augusto Lima, doou um cheque de R\$ 5 milhões para os desabrigados das cheias no Rio Grande do Sul. O equivalente a 2,5% da festa de noivado em Taormina ou a 3,8% do contrato de R\$ 129 milhões com o escritório de advocacia da família Moraes.

Aliás, esse foi seu pior negócio. Primeiro, porque pagou um preço exorbitante, inclusive pela suprema ironia: 34 páginas de um código de ética. Segundo, porque não teve a contrapartida: foi preso assim mesmo, ainda que tivesse trocado muitas

mensagens com Moraes no dia da primeira prisão, antes do pretendido voo para Dubai.

Enfim, 40 dias depois, sua procuradora Viviane Moraes estava em Dubai — acompanhada pelo marido para não deixar a mulher sozinha num país árabe. Talvez tenha, como representante legal, feito o que Vorcara pretendia fazer e não pôde. Talvez. Ou a viagem foi simples curiosidade de saber se Dubai é uma festa. Não valeu R\$ 129 milhões.

Agora, dorme em cama de concreto, numa cela de 9 metros quadrados. Como um Midas, converteu em ouro todos em que tocou. Essas vidas áureas, em alquimia reversa, estão contaminadas e podem virar pó.